

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA: APRENDIZAGEM
INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE**

ALANA CIOATO

**MUSEUS COMO DISPOSITIVOS DE FORMAÇÃO DE INFÂNCIAS E
JUVENTUDES: Museu Anchieta de Ciências Naturais e o Paradigma
Pedagógico Inaciano**

São Leopoldo

2023

ALANA CIOATO

**MUSEUS COMO DISPOSITIVOS DE FORMAÇÃO DE INFÂNCIAS E
JUVENTUDES: Museu Anchieta de Ciências Naturais e o Paradigma
Pedagógico Inaciano**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Jesuítica, pelo Curso de Especialização em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: José Teixeira Zelão

São Leopoldo

2023

MUSEUS COMO DISPOSITIVOS DE FORMAÇÃO DE INFÂNCIAS E JUVENTUDES: Museu Anchieta de Ciências Naturais e o Paradigma Pedagógico Inaciano

Alana Cioato¹

José Teixeira Zelão²

Resumo: O presente trabalho pretendeu analisar a contribuição do Museu Anchieta de Ciências Naturais na formação do aluno como indivíduo, ancorado pelo Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) e seu papel como propulsor de experiências, viabilizando uma bagagem única de saberes. Para isso, debruicei-me sobre os documentos da Companhia de Jesus, os teóricos da educação, com destaque para Jorge Larrosa Bondía, e da museologia; e um questionário online com participação de ex-alunos e colaboradores foi elaborado. Com base nas respostas oferecidas, pude observar que as experiências vivenciadas nesse ambiente foram ímpares para a maioria dos participantes. Este trabalho demonstra a importância do Museu Anchieta por meio da singularidade de seu acervo e de suas práticas. Alinhado com a missão da instituição de ensino³, em que devemos “Promover educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inacianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos”, ao longo de várias gerações, o Museu em muito contribuiu e continua contribuindo para cativar o interesse de crianças, jovens e adultos pela sustentabilidade e pela educação, e acredito que, a partir desta pesquisa, o Museu possa se tornar um espaço muito mais valorizado e utilizado por professores e alunos da comunidade escolar.

Palavras-chave: experiência; Museu Anchieta; Paradigma Pedagógico Inaciano; aprendizagens.

Abstract: The present work intended to analyze the contribution of the *Museu Anchieta de Ciências Naturais* in the formation of the student as an individual, anchored by the Ignatian Pedagogical Paradigm and its role as a driver of experiences, enabling a unique background of knowledge. For this, I looked at documents of the Society of Jesus; in education theorists, with emphasis on Jorge Larrosa Bondía; and museum science theorists; and an online questionnaire with the participation of former students and collaborators was prepared. Based on the answers offered, I was able to observe that the experiences in this environment were unique for the majority of participants. This work demonstrates the importance of the Anchieta Museum through the uniqueness of its collection and its practices. Aligned with the mission of the educational institution³, in which we must “Promote education excellence, inspired by Christian and Ignatian values, contributing to the formation of capable, conscious, compassionate, creative and committed citizens”, over several generations, the

¹ Bacharela em Ciências Biológicas, Mestre em Museologia e Patrimônio e museóloga responsável pelo Museu Anchieta de Ciências Naturais. E-mail: alanacioato@colegioanchieta.g12.br.

² Professor Orientador da Especialização, Doutor e Mestre em Educação, Universidade Federal da Bahia. E-mail: zelosmegatrend@gmail.com.

³ Ver: <https://www.colegioanchieta.g12.br/missao-visao-e-valores/>

Museum has greatly contributed and continues to contribute in capturing the interest of children, young people and adults in sustainability and education, and I believe that based on this research, the Museum can become a space that is much more valued and used by teachers and students in the school community.

Keywords: experience; Anchieta Museum; Ignatian Pedagogical Paradigm; learnings.

1 INTRODUÇÃO

A experiência proporcionada por um museu transcende as paredes físicas, e transporta os visitantes para um universo de conhecimento, descobertas e sensações. Ao adentrar nesses ambientes, somos convidados a mergulhar em narrativas ricas que abrangem desde os confins do tempo até as manifestações mais atuais da criatividade humana. É um tipo de formação experiencial, a partir de portais inspiradores para sensações, sentimentos, problematizações, reflexões e ressignificações.

O Museu Anchieta de Ciências Naturais, ambientado no tradicional Colégio Anchieta, na cidade de Porto Alegre (RS), conserva, desde seu fundador, o Pe. Pio Buck, S.J., o espírito da identidade e da herança histórica do carisma e da espiritualidade da Companhia de Jesus, que motiva o fazer pedagógico em busca de novos saberes (Schneider, 2013).

O Museu é um tipo de currículo que cativa e inspira alunos e visitantes que por ali passam diariamente, mesmo sendo um grande desafio cativar e competir frente à cultura digital deste século. Para além dos currículos prescritos que apontam os conteúdos esperados, os museus podem atuar como currículos vivos por afetar e mobilizar experiências em formação (Torrijo, 2015). Destarte, o Museu se compromete com o estudo e o ensino das ciências naturais e demais disciplinas, por meio de diversas experiências, como aulas práticas, oficinas, visitas guiadas, cursos e exposições destinadas a alunos e professores da comunidade escolar em geral, como também da comunidade externa.

Como bióloga, museóloga e educadora inaciana no Museu Anchieta de Ciências Naturais, inspirada nos princípios e nos valores da Pedagogia Inaciana, sou desafiada diariamente a dar atenção especial à disseminação da cultura da sustentabilidade, do diálogo e da justiça em semear, por meio da ciência e das novas tecnologias de conhecimento e informação, a promoção do ser humano.

Tomando o conceito da *American Alliance of Museums* (2012)⁴, segundo a qual os museus seriam instituições educacionais, agências de pesquisa e centros culturais, nota-se que a função educacional do museu se encontra essencialmente nas atividades desenvolvidas na sequência de suas funções principais: pesquisar, preservar e comunicar. Por conseguinte, talvez o “educacional” possa ser substituído por “instituições geradoras de debate, de questionamentos e com um papel ativo no estabelecimento de relações conscientes entre a sociedade em geral e os diversos problemas contemporâneos que lhe dizem respeito” (Lima, 2019, p. 33). São possibilidades de currículos abertos, pois possibilitam uma profusão de experiências, a partir de trocas e conexões que acontecem no cotidiano de alunos, colaboradores, pesquisadores e demais visitantes que por ali andejam.

A partir do módulo II – Experiência: sentir e saborear as coisas internamente – do Curso de Pós-graduação (*lato sensu*) em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade, que estou cursando, tive contato com uma leitura de Jorge Larrosa Bondía (2002), na qual, em um tilintar de ideias, nos fala que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Larrosa, 2002, p. 21).

Portanto, tomada pela ideia de Larrosa, acredito que cada indivíduo consiste na soma de experiências ímpares, e que esse conjunto de experiências configura a essência e a originalidade de cada um, ou seja, é impossível que alguém consiga ter vivido e experimentado tudo exatamente como o outro vivenciou:

[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna (Larrosa, 2014, p. 32).

Emmanuel da Silva e Araujo (2021), em seu artigo final desta mesma especialização, evidencia que o Paradigma Pedagógico Inaciano e os Exercícios Espirituais também são caracterizados como um “saber de experiência”, que não só traz informações, mas “configura a personalidade do sujeito” aprendente. Desse modo, experiência, no contexto do PPI, é compreendida na perspectiva da experiência

⁴ Ver: <https://www.aam-us.org/>.

própria da pedagogia dos Exercícios Espirituais, como “conhecimento interno”, singular e pessoal, que afeta e transforma o sujeito da experiência de “sentir e saborear internamente as coisas”, como diria Inácio de Loyola.

Assim sendo, a busca por compreender a dimensão da experiência no Museu despontou em mim algumas inquietações, constituídas nas seguintes questões: “Como o Museu Anchieta de Ciências Naturais contribui para a formação de experiências? Como essas experiências afetam o indivíduo? O Museu Anchieta de Ciências Naturais pode ser considerado um espaço possível para se exercer o Paradigma Pedagógico Inaciano? Quais as marcas que o Museu deixa no aluno?”. Destarte, a proposta deste trabalho é estudar a contribuição do Museu na formação do aluno como indivíduo, por meio das práticas e dos testemunhos, seu papel como propulsor de experiências aos alunos, viabilizando uma mochila existencial (Zelão, 2020) única.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Colégio Anchieta e o Museu Anchieta de Ciências Naturais

Virtus et Scientia (Virtude e Ciência), o lema da Companhia de Jesus, explicita o devotamento ao ensino e à educação como característica da ordem e sua dedicação aos colégios com o objetivo de formar homens na virtude e nas ciências. Com essa perspectiva, ainda na primeira década de sua formação, a Companhia criou e expandiu colégios existentes que lhe foram confiados em países como França, Portugal, Bélgica, Itália, Alemanha e Espanha (Witt, 2016).

O Colégio Anchieta é um dos colégios particulares da Companhia de Jesus e atualmente está situado na Avenida Nilo Peçanha, 1521, bairro Três Figueiras, em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. No dia 13 de janeiro de 2023, o Colégio completou 133 anos de fundação, de uma história vivida intensamente por milhares de famílias gaúchas. Hoje, passadas 13 décadas, o Colégio continua sendo vanguarda na educação, que é inspirada na Pedagogia Inaciana, a qual propõe um processo de educação reflexivo e comprometido, tendo como proposta um paradigma desafiador – contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação (Schneider, 2013). Sua viabilização está inserida no tempo de desafios e contradições que caracteriza este milênio.

O *Gymnasio Anchieta*, ou “Colégio dos Padres”, como era conhecido inicialmente, nasceu em 13 de janeiro de 1890. Atualmente, o Colégio Anchieta constitui-se em um referencial de ensino privado de Porto Alegre, contando com cerca de três mil alunos. Atende Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, com um quadro funcional de cerca de 400 colaboradores, entre professores, funcionários e jesuítas⁵. Uma de suas singularidades é possuir um museu escolar nas suas dependências.

Figura 1 – Vista da Rua da Igreja (atual Duque de Caxias), podendo-se observar o *Gymnasio Anchieta* e a residência do ex-presidente do Estado, Júlio de Castilhos (atual Museu Júlio de Castilhos), 1890



Fonte: Arquivo Histórico do Museu Anchieta de Ciências Naturais.

A trajetória do Museu Anchieta está atrelada à história da instituição escolar e aos padres da Companhia de Jesus, que atuaram na escola como professores e junto ao Museu como cientistas e naturalistas, fazendo coleta, organização, identificação e estudo de coleções, produção e divulgação de pesquisas e intercâmbio científico (Witt, 2016). O acervo do Museu Anchieta de Ciências Naturais começou a ser formado em 1908 pelo padre jesuíta Pio Buck, idealizador e grande responsável pelo desenvolvimento do Museu Escolar de História Natural do Colégio Anchieta, assim denominado na época. A sua fundação faz parte de um movimento mais amplo de criação de museus, no âmbito científico e educacional. Pio Buck, S.J. realizou diversas

⁵ Para saber mais: <https://www.colegioanchieta.g12.br/historia/>

excursões para coleta de material científico, percorrendo os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Nesse contexto, o Museu tinha como principal atividade a pesquisa e a organização de coleções formadas a partir de exemplares da fauna e da flora do Rio Grande do Sul, conforme pode se observar na Figura 2.

Figura 2 – Acervo do Museu Escolar de História Natural do Colégio Anchieta, 1926



Fonte: Arquivo Histórico do Museu Anchieta de Ciências Naturais.

O Museu Anchieta de Ciências Naturais recebeu esse nome a partir dos anos 1970. Com o falecimento do Pe. Pio Buck, em 1972, o Museu passou a ser coordenado pelo professor que durante muitos anos vinha trabalhando ao seu lado, auxiliando na coleta, na classificação e na organização da Coleção Entomológica (insetos), o professor Fernando Rodrigues Meyer. Sob sua coordenação, houve uma mudança intensa de contexto, em que o Museu não mais teria como foco a pesquisa científica e as coleções, mas as atividades pedagógicas e didáticas, sobretudo devido ao constante contato mantido entre ele e os alunos. De 2017 a 2021, o Museu Anchieta ficou sob a coordenação do professor José Francisco Flores, professor de Física do Colégio desde 1986, doutor em Educação em Ciências e Matemática pela PUCRS (Cioato, 2021). Atualmente, o Museu possui como equipe a museóloga responsável (eu), a museóloga Gabriela Leindecker e os estagiários.

Como compromisso com seu público, tem como missão “Preservar e comunicar os testemunhos biológicos, geológicos e arqueológicos das diversas regiões do

estado do Rio Grande do Sul com o objetivo de proporcionar uma formação global do indivíduo reflexivo, contemplativo e vivificado pela natureza” (Museu Anchieta de Ciências Naturais, 2021). Ainda, em seu acervo, abriga diversas coleções, incluindo materiais biológicos, geológicos, arqueológicos e etnográficos. A Coleção de Entomologia (insetos), organizada pelo Pe. Pio, possui aproximadamente 130 mil exemplares (Figura 3); a Coleção de Ictiologia (peixes) mantém aproximadamente 12 mil amostras conservadas; entre os 1.245 lotes da Coleção de Paleontologia (fósseis), destaca-se o holótipo do gênero *Cerritosaurus*, que até então é o único exemplar já coletado para esse táxon; na Coleção de Botânica (plantas), parte do Herbarium Anchieta coletada pelo Pe. Balduino Rambo, 716 exsicatas representam a flora brasileira; na Coleção de Herpetologia (répteis e anfíbios), se dispõe de 596 exemplares, entre eles répteis e anfíbios conservados em álcool, taxidermizados, crânios e esqueletos; e, ainda, nas Coleções de Ornitologia (aves) e Mastozoologia (mamíferos), há a presença de 471 e 230 exemplares, respectivamente, taxidermizados. Além disso, o Museu conta com coleções de Aracnologia (aranhas), Malacologia (moluscos), Mineralogia e Petrologia (minerais e rochas), Arqueologia (artefatos líticos) e Etnografia (fotografias e artefatos de povos indígenas) (Cioato, 2021).

Figura 3 – Coleção de entomologia (insetos)



Fonte: Arquivo do Museu Anchieta de Ciências Naturais.

Possui um importante acervo bibliográfico e documental sobre a história do Museu e das Ciências Naturais (Cioato, 2021). No âmbito educacional, se compromete com o estudo e o ensino das ciências naturais por meio de diversas atividades, como aulas práticas, oficinas, visitas guiadas, cursos e exposições destinadas a alunos e professores da comunidade escolar em geral (Figura 4). Para isso, o Museu dispõe de uma Coleção Didática, passível de manipulação, composta por exemplares verdadeiros, réplicas, jogos e diversos objetos pedagógicos. Ainda sendo marcante o caráter educativo, as atividades de cunho científico diferenciam o Museu Anchieta de outros museus em espaço escolar, abrigando materiais de elevado valor para pesquisas, como, por exemplo, os holótipos, que correspondem aos espécimes que serviram de base para a descrição de novos táxons.

Figura 4 – Sala de exposição permanente



Fonte: Arquivo do Museu Anchieta de Ciências Naturais.

A riqueza do acervo do Museu mostra-se fundamental para a continuidade e a expansão dessa instituição centenária que, ao longo de várias gerações, por meio do empenho de profissionais dedicados, em muito contribuiu e continua contribuindo para cativar o interesse de jovens e adultos pelas ciências naturais e pela educação, tornando cada visita feita ao Museu, seja em atividades presentes no planejamento

pedagógico do colégio, seja em uma visita descontraída, uma jornada intelectual e emocional que pode enriquecer a vida dos alunos de maneiras diferentes.

2.2 Desvendando o experienciar

A experiência, à semelhança da vida, vive-se, sem que ocorra, quotidianamente, um processo de análise e de reflexão consciente do vivido (Cavaco, 2009). Falamos de experiência em contextos muito distintos, como, por exemplo: uma experiência de laboratório, a experiência de assimilar os conteúdos de uma aula de inglês ou de matemática, uma experiência de Deus em Exercícios Espirituais, uma experiência amorosa, entre outras (Araujo, 2021). Além disso, o conceito de experiência é utilizado por uma grande variedade de ciências, cada qual trazendo-lhe a abordagem conceitual própria de seu estatuto epistemológico.

Essa dificuldade tem também reflexos no campo da educação, onde experiência é um conceito que assume matizes diversos. É sugestiva a maneira como Larrosa (2014, p. 40) apresenta essa problemática ao propor o “saber de experiência” como um novo caminho, diante dos modelos pedagógicos fundados nessa herança moderna e que hoje predominam na educação. Ele afirma que, na ciência moderna, a experiência “é convertida em experimento”, ela é convertida em um elemento do método, isto é, do caminho seguro da ciência. A experiência já não é mais o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens na sua singularidade, mas o método da ciência objetiva, da ciência que se dá como tarefas a apropriação e o domínio do mundo (Larrosa, 2014, p. 33).

Mas se, com o reducionismo moderno ao campo empírico e ao experimento, há um esvaziamento da experiência, por outro lado, as dimensões mais profundas continuam sussurrando em nós. Para Jobert,

a experiência é o que é constituído, ao longo do tempo, individual e coletivamente, na intimidade das pessoas, no seu corpo, na sua inteligência, no seu imaginário, na sua sensibilidade, na sua confrontação quotidiana com a realidade e com a necessidade de resolver problemas de toda a natureza (Jobert, 1991 *apud* Cavaco, 2009, p. 3).

Portanto, a aprendizagem por via da experiência é um processo natural e intrínseco à essência do ser humano, embora nem sempre tenham sido verificados o reconhecimento e a valorização social deste processo (Cavaco, 2009).

Experiência vai além da análise formal; ela é experiência vital, porque envolve e afeta o sujeito; ela passa pelo sujeito e deixa nele a sua marca e, consciente dessa marca, ele sai da experiência de alguma maneira transformado (Araujo, 2021). Assim, como afirma Larrosa (2014, p. 18), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Ou seja, uma realidade experiencial, na qual o sujeito padece a experiência “não se faz a experiência, mas sim se sofre, não é intencional, não está do lado da ação, mas sim do lado da paixão”. E continua: “Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição” (Larrosa, 2014, p. 68). E, frente à pretensão de universalidade do experimento científico, afirma que “a experiência é sempre do singular” (Larrosa, 2014, p. 68), pois é distinta para cada um na sua singularidade.

Mais uma vez, tomando as palavras de Larrosa, percebo que o “saber de experiência” está encarnado no sujeito aprendente, forja sua personalidade e seu modo de se posicionar diante da realidade:

O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo) (Larrosa, 2014, p. 32).

Dialogando com Larrosa (2014, p. 19), amplio a compreensão de experiência em contexto pedagógico: “A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber da experiência é que é necessário separá-lo do saber das coisas”. Do mesmo modo, no contexto pedagógico inaciano, o processo de ensino-aprendizagem supera aquele da educação formal: há uma íntima relação e interação de experiência, reflexão e ação do aprendente, em um ciclo contínuo, que vai muito além do saber das coisas e do mero acúmulo de informações. É nesse sentido que é preciso ter clareza sobre o significado de experiência dentro do contexto da Pedagogia Inaciana.

2.3 Paradigma Pedagógico Inaciano e a Formação integral

A transmissão do conhecimento nos diferentes espaços sociais tem sido analisada por vários autores nos campos da educação e do ensino da ciência.

Percebe-se um crescimento do número de estudos sobre os “saberes” presentes nos processos educativos escolares, com o intuito de valorizar

saberes da experiência social e cultural, do senso comum e da prática, como elementos indispensáveis para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à solução, tanto dos simples como dos complexos problemas da vida pessoal e profissional dos indivíduos (Santos, 2000, p. 46).

O Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) (Companhia de Jesus, 1993) foi publicado como resposta aos anseios dos educadores dos Colégios Jesuítas, que pediam orientações práticas para a aplicação dos importantes princípios da educação jesuítica, dados pelas Características da Educação da Companhia de Jesus. As orientações trazidas pelo Paradigma indicam um modo de proceder inaciano na prática pedagógica e estão fundamentadas na pedagogia dos Exercícios Espirituais. Como pedagogia, o enfoque inaciano não se restringe à sala de aula ou à instituição escolar, mas pode ser aplicado a todas as situações em que se dá a educação, de modo formal ou não formal.

O PPI é um farol luminoso na busca pela formação integral do ser humano. Inspirado na visão de Santo Inácio de Loyola, esse paradigma transcende a educação exclusivamente informativa, mergulhando nas profundezas da transformação pessoal e do florescimento humano. Visando enfatizar a formação integral da pessoa, busca o desenvolvimento intelectual, espiritual, emocional e social do indivíduo.

Para tal, a compreensão do PPI deve estender-se tanto ao contexto de aprendizagem quanto ao processo mais explicitamente pedagógico. Para tal, conta com cinco passos: contextualização, experiência, reflexão, ação e avaliação (Klein, 2015). Esses devem ser entendidos como dimensões, e não como passos lineares que se sucedem de forma cronológica (Costa, 2022). Segundo José Manuel Martins Lopes, S.J. (2018 *apud* Costa, 2022):

A *contextualização* é o reconhecimento da situação e do ambiente do educando, da instituição educativa e da realidade circundante [...].

A *experiência* comporta dois elementos: 1) O contato mais direto possível do aprendiz com o objeto do conhecimento e 2) O reconhecimento da ressonância que esta experiência produz no seu mundo interior [...].

A *Reflexão* [...] Não restringe-se [sic] ao pensar sobre o acontecido, mas debruça-se sobre a experiência realizada e inquire o sentido e as implicações do conhecimento que está construindo.

[...] (A) *ação*, que pode ser interiorizada ou também exteriorizada. A Ação interiorizada é a transformação interior que o aprendiz reconhece a partir da

experiência que fez e do conhecimento que construiu. Ação exteriorizada é a transformação manifesta externamente por novas atitudes do aprendiz.

(O campo da *avaliação*) [...] por força do binômio virtudes e letras [...] se amplia para além dos conteúdos acadêmicos, passando a contemplar também o progresso nas atitudes, prioridades. Modo de proceder de acordo com o objetivo de ser “pessoa para os outros” (Lopes, 2018 *apud* Costa, 2022, p. 98).

Sendo assim, denoto que a reflexão torna-se inerente ao processo de assimilação da experiência. Trata-se de um movimento de interiorização em que o aluno buscará verificar o sentido da experiência feita e como esta afeta a sua vida. Aqui, “a memória, o entendimento, a imaginação e os sentimentos são utilizados para captar o significado e valor essencial do que está sendo estudado”, desafiando os alunos a “irem além do puro conhecimento e passarem à ação” (PPI 48). Desse modo, “a reflexão é o processo pelo qual se traz à tona o sentido da experiência” (PPI 49).

Conforme Iparraguirre (1972), na experiência inaciana, “sentir é perceber algo através de uma experiência interna. Não é somente gozar de uma experiência, mas, através dessa experiência, adquirir clareza sobre um objeto”. Não custa reforçar: leia-se “experimental” como um “saber de experiência”, experiencial, e não como experimento (Araujo, 2021). É assim que podemos reafirmar que, no PPI, empregamos a palavra “experiência” para descrever qualquer atividade em que, junto com uma aproximação cognitiva da realidade em questão, o aluno percebe uma reação de caráter afetivo (PPI 43).

Assim, o Paradigma Pedagógico Inaciano tem como um de seus fundamentos a experiência no processo de ensino-aprendizagem, em uma perspectiva de educação humanista e integral. De fato, nos Exercícios Espirituais, “experiência” significa, para Santo Inácio, “sentir e saborear as coisas internamente” e, nesse sentido, “a experiência inaciana ultrapassa a compreensão puramente intelectual” (PPI 42); ela é muito mais do que conhecer fatos, raciocinar e avaliar ideias:

Inácio exige que ‘o homem todo’ – mente, coração e vontade – se envolva na experiência educativa. Estimula-se a valer-se tanto da experiência, da imaginação e dos sentimentos, como do entendimento. As dimensões afetivas do ser humano devem ficar tão implicadas quanto as cognoscitivas, pois, se o sentimento interno não se alia ao conhecimento intelectual, a aprendizagem não moverá ninguém à ação (PPI 42; Companhia de Jesus, 1993).

3 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho pretende investigar como o Museu Anchieta de Ciências Naturais afeta a vida dos estudantes a partir da ação e da reflexão que propõe. Reflito aqui nesta pesquisa sobre a experiência formativa que os visitantes do Museu vivenciam/vivenciaram ao longo dos anos, visando contribuir para a constante evolução do Colégio Anchieta e dos demais Colégios Jesuítas na manutenção e no aprimoramento de uma experiência de Formação Integral profunda e humanista para todos os envolvidos no processo.

Para tanto, fui buscar as respostas aos meus anseios sobre a experiência no Museu Anchieta de Ciências Naturais e sua história nos documentos da Companhia de Jesus, principalmente naqueles que abordam a Pedagogia Inaciana; trouxe o olhar de teóricos da educação e da museologia, com destaque para Jorge Larrosa, que apresenta, de forma muito significativa, o valor da experiência na trajetória do indivíduo, coincidindo com a Pedagogia Inaciana. Para uma abordagem qualitativa, realizei um questionário online disponibilizado para ex-alunos e colaboradores, para saber o que pensam e sentem sobre suas experiências com o Museu Anchieta e o que carregam em suas mochilas existenciais com experiência na perspectiva apontada por Larrosa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Pedagogia Inaciana, como já comentado, é baseada nos princípios e nos ensinamentos de Santo Inácio de Loyola, e possui uma abordagem educacional que enfatiza a formação integral da pessoa, combinando a busca pelo conhecimento com o desenvolvimento espiritual e o compromisso social. Dentro desse contexto, os museus desempenham um papel fundamental como espaços de aprendizado, reflexão e descoberta, alinhados com os valores e métodos da Pedagogia Inaciana.

Um museu, tradicionalmente visto como um local para a preservação e a exposição, pode transcender seu papel de “mero depósito de objetos” para se tornar um currículo vivo, em ação para aprendizagens. A Pedagogia Inaciana, por sua vez, incentiva a aprendizagem viva, o engajamento crítico e a conexão entre o conhecimento adquirido e a vida cotidiana. Quando aplicada a um museu, essa abordagem pedagógica transforma a experiência de visita em uma oportunidade profunda de crescimento pessoal e espiritual.

Como já mencionado, a reflexão é um dos passos para guiar a Pedagogia Inaciana, encorajando os indivíduos a ponderarem sobre sua própria experiência e os mistérios da vida. Museus podem proporcionar momentos de contemplação, permitindo que os visitantes se conectem com os objetos expostos em um nível mais profundo. A partir da observação, os visitantes podem desenvolver uma apreciação mais significativa, e, também, podem aplicar essa habilidade de contemplação em suas vidas diárias para entender melhor o mundo ao seu redor. Ainda, ao apresentarem diferentes aspectos da história, da cultura e da expressão humana, podem inspirar uma busca espiritual e ética mais profunda nos visitantes.

Se entendermos o museu como um local de divulgação e educação, torna-se central a questão da transferência do conhecimento que nele ocorre. No que se refere a exposições dos museus de ciências, o processo relaciona-se tanto com a necessidade de tornar as informações apresentadas em textos, objetos e multimídias acessíveis ao público visitante quanto a proporcionar momentos de prazer e deleite, ludicidade e contemplação. Além disso, a transformação do saber que ocorre no espaço expositivo é também determinada pelas especificidades do museu quanto aos seus aspectos de tempo, espaço e objeto e deve ser vista no contexto dessa cultura institucional particular (Marandino, 2005).

O Museu Anchieta de Ciências Naturais é considerado um dos maiores e mais completos museus escolares do Brasil (Witt, 2013) e possui como essência, desde sua fundação, o espírito pedagógico e científico dos jesuítas. Com o andamento da investigação, observou-se que esses dois aspectos também estavam associados à Ordem dos Jesuítas, a qual o Colégio pertence até hoje. Percebeu-se que a relação dos jesuítas com o ensino e as ciências podia explicar a permanência do Museu, a qual está inegavelmente associada à inserção deste espaço em uma escola jesuíta – e com quem atuava nele, pela formação intelectualizada dos seus agentes e de suas práticas, ambas voltadas para o ensino e para as ciências.

Durante a pesquisa, realizei um questionário para ser aplicado a colaboradores, ex-alunos e visitantes em geral que tiveram algum tipo de contato com a instituição em sua trajetória como indivíduo. Entre as minhas indagações, quatro foram elencadas: “Qual seu nome?”; “Qual sua relação com o Museu Anchieta de Ciências Naturais (aluno, colaborador, ex-aluno, visitante, pesquisador, entre outros)?”; “Qual sua experiência no Museu Anchieta de Ciências Naturais? Como essa experiência te afetou como indivíduo?”; e “Essa experiência influenciou na sua formação

profissional?”. Ao fim, o questionário foi disponibilizado para 12 pessoas, tendo oito destas respondido às questões.

A fim de apurar minhas suposições, as questões intencionavam constatar qual a relação dessa instituição no âmbito do Colégio Anchieta. A premissa de que museus são considerados currículos vivos pode ser confirmada a partir do retorno recebido pelos participantes:

“[...] a experiência no Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta considero enriquecedora, pois oferece oportunidades de conhecer e aprender sobre a preservação da biodiversidade natural da região sul. Através de exposições interativas e informativas, como visitante é possível aprofundar conhecimentos científicos e explorar a história natural. Como cidadão, a visita a um museu de ciências naturais como o Museu de Ciências Naturais do Colégio Anchieta, pode ter impactos significativos na ampliação do conhecimento, na apreciação da diversidade da vida natural e na consciência sobre questões relacionadas à conservação ambiental e sustentabilidade. Museus de ciências naturais podem despertar a curiosidade e a paixão pela natureza, além de estimular o interesse em aprender mais sobre ciência e a diversidade do mundo natural. É possível fazer uma transposição deste espaço científico e seu conhecimento conservados, como nos diz Santo Inácio, “não é o muito saber que sacia e satisfaz o coração humano, mas o sentir e saborear internamente todas as coisas”. O ambiente, o clima do Museu, a experiência no museu, dá impressão que não é preciso acelerar os fatos, modificar a história, mas com serenidade apreciar as lições da vida natural do passado e seus impactos, positivos ou negativos, no presente. Atentar para esses sentimentos ajudam [sic] a lançar um olhar cheio de esperança diante de futuros possíveis. Essa sinergia e intencionalidade pedagógica, como criatura diante do seu Criador e Senhor, me toca, me faz perceber que há uma oportunidade de sentir, pensar e cuidar da nossa Casa Comum – o mundo e suas transformações. Há muita vida e conhecimento no Museu Anchieta de Ciências Naturais. Sim, e isso me (nos) afeta!” (Participante 3).

“O Museu Anchieta é um local rico não só pela beleza e acervo, mas pelas memórias que carrega. O contato com o espaço me possibilitou tornar concreto [sic] diferentes estudos realizados em sala de aula, facilitando meu entendimento e compreensão sobre diferentes temáticas” (Participante 7).

“Como ex-aluna do Colégio Anchieta, sempre frequentei o Museu Anchieta de Ciências Naturais com meus colegas e amigos nos nossos recreios. Adorava ver o esqueleto de jiboia que sempre se encontrava em perfeito estado (e se encontra até hoje) e os animais taxidermizados, fazendo eu me sentir em contato com a fauna do Rio Grande do Sul, algo que só o Museu acabava me proporcionando por eu sempre ter morado em cidade. Eu sempre fui uma menina curiosa e interessada em assuntos diversos, mas nunca me dei bem com o sistema de ensino convencional. Minhas

visitas ao Museu Anchieta de Ciências Naturais me ajudaram a entender que existem modos diferentes de se aprender, percebendo que museus podem ser, também, lugares de ensino. Os museus de ciências se tornaram os meus favoritos, me fazendo eu me sentir muito mais confortável para aprender os conteúdos de ciência em espaços museológicos do que em salas de aula” (Participante 8).

O Museu Anchieta de Ciências Naturais pode ser visto como uma extensão da tradição educacional dos Jesuítas, incorporando os princípios da Pedagogia Inaciana para promover a educação, a reflexão e a formação integral dos visitantes por meio do estudo das ciências naturais e da compreensão do mundo natural. Assim, ao visitar o Museu os indivíduos podem esperar uma experiência educacional enriquecedora que os leve a refletir, contemplar e agir de maneira mais consciente e compassiva pelo resto de suas vidas:

“[...] no ano de 1976 cursei a segunda série do primeiro grau, no colégio e tive a oportunidade de conhecer o museu, lembro de sair encantada com tantas experiências de visualizações que as exposições nos proporcionavam. Era pequena, pois tinha 7 anos, mas as lembranças ficaram guardadas em minha memória de forma tão intensa, que quando cresci e tive meus filhos, sempre alimentei a ideia que deveria trazê-los para conhecerem [...]” (Participante 4).

As experiências vivenciadas nesse ambiente tornam-se singulares devido ao seu contexto científico, histórico e cultural e à oportunidade de aprendizado e reflexão. Como pude observar, por meio dos questionários e dos relatos diários que recebo, o Museu tornou-se, de algum modo, inspiração para muitas carreiras, seja de forma direta, como muitos pesquisadores renomados na área da ciência e da educação, seja em sua formação como indivíduo reflexivo e consciente no mundo:

“[...] Hoje sou estudante de licenciatura em história, e acredito que muito do meu amor pela docência tenha construído bases sólidas com as visitas ao Museu. Entender essa instituição como um local de aprendizagem foi fundamental para a minha formação como pessoa, escolha profissional e também para o meu interesse em ser estagiária no Museu. No estágio, estou aprendendo muito ao lado de pessoas incríveis e especiais; Minhas pesquisas tem [sic] sido muito produtivas, interessantes e o ambiente continua sendo tão agradável quanto nas minhas vivências [da] minha infância e adolescência” (Participante 1).

“Acredito que, de modo geral, todas as experiências que tive no Anchieta como aluna me influenciaram na formação profissional, pois me fizeram optar seguir na área da educação. Trabalhar em uma grande escola que tem um museu como o do Anchieta é motivo de orgulho, pois abre diversas

possibilidades de estudo desde a Educação Infantil, minha principal área de atuação atualmente” (Participante 7).

“Foram várias as influências que colaboraram para a escolha da minha formação em Museologia e uma delas foi o contato que tive com o Museu Anchieta de Ciências Naturais. Ter tido a oportunidade de estudar em um colégio com todo o tipo de suporte oferecido aos alunos foi de uma oportunidade sem tamanho, tive contato com materiais e coleções científicas do acervo do Museu que, na época, nunca imaginei que seriam possíveis dos alunos manipularem. Ver uma instituição museológica tão rica em coleções e acervo me fez querer ser parte disso. Hoje, formada em Museologia pela UFRGS, e monitora do Museu Anchieta de Ciências Naturais, consigo ver ainda mais o potencial e riqueza do patrimônio científico, histórico e cultural salvaguardados por esta instituição que me acompanha desde a infância e que tenho tanto apreço” (Participante 8).

Ainda, não somente nos questionários, mas em entrevistas realizadas a distância pela equipe do Museu no ano de 2020 com ex-alunos que hoje são pesquisadores⁶, a maioria dos relatos reunidos possui o Museu como um refúgio em meio aos estudos, um lugar aconchegante e acolhedor. Não apenas o espaço e em aulas, mas o carisma dos profissionais, desde sua fundação, também se mostra um traço significativo na memória desses indivíduos:

“Comecei minha jornada no Colégio Anchieta como estagiária no Museu. Sinto imensa gratidão pelas lições que adquiri durante esse período, pela oportunidade de interagir com o valioso acervo e pela recepção amigável da equipe do Museu. Essa experiência teve um impacto significativo em minha vida. Ela contribuiu para meu crescimento pessoal e profissional [...]. Sem dúvida, essa experiência teve uma grande influência na minha formação profissional. O estágio no Museu do Colégio Anchieta me proporcionou uma visão prática e imersiva do trabalho em um ambiente educacional, o que foi extremamente valioso para minha trajetória. Ao interagir com o acervo e participar de projetos no Museu, adquiri conhecimentos específicos sobre conservação, catalogação e curadoria, além de aprender a lidar com diferentes públicos e a transmitir informações de forma clara e acessível. Também é importante citar que o convívio com a equipe do Museu me proporcionou exemplos inspiradores de profissionais comprometidos e dedicados. Sou muito grata por ter tido essa oportunidade de aprendizado e crescimento profissional” (Participante 2).

No intuito de não deixar o presente texto extenso, disponibilizarei o questionário online completo no Apêndice A. Fundamentado nessas respostas, e nos *feedbacks* diários que presencio, compreendo que a formação de experiências no Museu não se limita ao espaço físico. A exploração é levada para além das visitas e das atividades,

⁶ Entrevistas disponíveis na rede social *Instagram* do Museu (@museuanchietadeciencias).

desdobrando-se em conversas animadas, reflexões, pesquisas e, muitas vezes, uma nova perspectiva sobre o mundo. Assim, cada passo pelo Museu é mais do que uma simples caminhada. É uma jornada que transcende o tempo e o espaço, tecendo histórias em um tapete mágico de experiências. Cada visita é uma oportunidade para enriquecer vidas, iluminar a compreensão e nos conectar com a natureza e a espiritualidade. Os museus não apenas inspiram o conhecimento, eles realçam a maneira como vemos, pensamos e nos relacionamos com o nosso entorno (Oliveira, 2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que pretendi com este trabalho foi analisar a contribuição do Museu Anchieta de Ciências Naturais na formação do aluno como indivíduo, ancorado pelo Paradigma Pedagógico Inaciano e seu papel como propulsor de experiências, viabilizando uma bagagem única de saberes.

O Museu Anchieta de Ciências Naturais, museu escolar pertencente ao tradicional Colégio Anchieta, centrado nos princípios e nos valores da Companhia de Jesus, mobiliza-se constantemente para dialogar com infâncias e juventudes do tempo presente, atualizando suas estratégias e acessos. As atividades do Museu, em seus vários aspectos educacionais e científicos, direcionadas ao corpo docente e discente do Colégio Anchieta, alinham-se com os princípios do Paradigma Pedagógico Inaciano, que visa à formação do ser humano em todas as suas dimensões.

Em meu trabalho diário no Museu, despontaram-me algumas inquietações que se tornaram instrumentos centrais para a construção desta pesquisa no Curso de Especialização em Educação Jesuítica, sendo as quais: “Como o Museu Anchieta de Ciências Naturais contribui para a formação de experiências? Como essas experiências afetam o indivíduo? O Museu Anchieta de Ciências Naturais pode ser considerado um espaço possível para se exercer o Paradigma Pedagógico Inaciano? Quais as marcas que o Museu deixa no aluno?”. A partir dessas inquietações, esta análise pretendeu investigar como o Museu Anchieta de Ciências Naturais afeta a vida dos estudantes a partir da ação e da reflexão que propõe.

Para auxiliar na busca das respostas, debrucei-me sobre a própria memória do Museu Anchieta de Ciências Naturais, nos documentos da Companhia de Jesus,

principalmente naqueles que abordam a Pedagogia Inaciana, a partir de teóricos da educação e da museologia, com maior realce ao pedagogo espanhol Jorge Larrosa, que dialoga sobre a importância da experiência na trajetória educacional dos alunos. Como forma de fundamentar ainda mais a pesquisa, realizei um questionário online com ex-alunos e colaboradores, no intuito de confirmar o princípio apontado por Larrosa.

As palavras de Santo Inácio, “não é o muito saber que sacia e satisfaz o coração humano, mas o sentir e saborear internamente todas as coisas”, me levaram a compreender que as atividades vivenciadas no Museu incentivam, principalmente, a reflexão do visitante, trazendo à tona o sentido da experiência. A experiência envolve e afeta o sujeito, ela passa pelo sujeito e deixa nele a sua marca, “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Ou seja, uma realidade experiencial, na qual o sujeito vive a experiência.

Com base nas respostas oferecidas por alunos, ex-alunos e visitantes em geral, pude observar que as experiências vivenciadas nesse ambiente foram ímpares para a maioria dos participantes. O Museu torna-se, de algum modo, inspiração e lembrança calorosa do tempo em que frequentavam o colégio. As experiências que ocorrem no Museu são enriquecedoras, pois despertam inúmeras sensações e sentimentos, que levam o visitante a preservar essas lembranças ao longo de sua vida.

A meu ver, a importância de realizar este estudo se faz notar por três principais aspectos. Primeiro, considero a percepção da necessidade da realização de pesquisas acerca da experiência em espaços não formais de educação, como museus. Um segundo aspecto refere-se ao ineditismo na constituição de um estudo acadêmico aprofundado acerca do Museu Anchieta, por um viés do Paradigma Pedagógico Inaciano. E por último, mas não menos importante, considero possível demonstrar a importância do Museu Anchieta de Ciências Naturais por meio da singularidade de seu acervo e de suas práticas. Alinhado com a missão da instituição de ensino⁷, em que devemos “Promover educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inacianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos”, ao longo de várias gerações, o Museu em muito contribuiu e continua contribuindo para cativar o interesse de

⁷ Ver: <https://www.colegioanchieta.g12.br/missao-visao-e-valores/>

crianças, jovens e adultos pela sustentabilidade e pela educação, e acredito que, a partir desta pesquisa, o Museu possa se tornar um espaço muito mais valorizado e utilizado por professores e alunos da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Emmanuel da Silva e. **O conceito de experiência no PPI: uma leitura a partir da espiritualidade inaciana**. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Jesuítica: aprendizagem integral, sujeito e contemporaneidade) – Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, 2021.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./fev./mar./abr., 2002.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Tremores: escritos sobre experiência**. São Paulo: Autêntica, 2014.
- CAVACO, Carmen. Experiência e formação experiencial: a especificidade dos adquiridos experienciais. **Educação Unisinos**, Porto Alegre, v. 13, n. 3., p. 220-227, 2009.
- CIOATO, Alana. **“L'enseignement par les Yeux”**: uma coleção de quadros parietais no Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre, RS). 400f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- COMPANHIA DE JESUS. **Pedagogia Inaciana: uma proposta prática**. Tradução de Pe. Mauricio Ruffier, SJ. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- COSTA, Gustavo da. O Voluntariado nos caminhos da formação integral. In: SISSON, Christiane Miranda (org.). **Educação Jesuíta: aprendizagem geral, sujeito e contemporaneidade**. Porto Alegre: Colégio Anchieta, v. 2. 2021.
- IPARRAGUIRRE, Ignacio. **Vocabulario de Ejercicios Espirituales**. Ensayo de Hermenêutica Ignaciana. Roma: Centrum Ignatianum Spiritualitatis, 1972.
- KLEIN, Luiz Fernando. **Educação jesuíta e pedagogia inaciana**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- LIMA, Joana David Caprário de. **A coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional do Rio de Janeiro (UFRJ): formação, trajetória e utilização em contexto museológico**. 609f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- MARANDINO, Martha. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (suplemento), p. 161-81, 2005.

MUSEU ANCHIETA DE CIÊNCIAS NATURAIS. Relatório anual. Porto Alegre: Colégio Anchieta, 2021.

OLIVEIRA, Genoveva. **O museu como um instrumento de reflexão social**. Portugal: Museus e estudos interdisciplinares, v. 2, 2013.

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão. Pluralidade de saberes em processos educativos. *In*: CANDAU, Vera Maria (org.). **Didática, currículo e saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 46-59.

SCHNEIDER, Dário. **Tradição jesuítica**: educação, identidade e sentimento de pertencimento em uma história de vida do Colégio Anchieta. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

TORRIJO, Hugo Rangel. Una mirada internacional de la construcción curricular. **Por un currículo vivo, democrático y deliberativo**. Guadalajara: Revista Electrónica de Investigación Educativa, v. 17, n. 1, 2015.

WITT, Nara Beatriz. **Ensino ou Memória**: (in)visibilidades dos museus escolares em Porto Alegre/RS. 125f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

WITT, Nara Beatriz. **“Uma Joia” no Sul do Brasil**: O Museu de História Natural do Colégio Anchieta, criado em 1908 (Porto Alegre/RS). 116f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ZELÃO, Jose Teixeira Neto. **Mochilas existenciais e insurgências curriculares**: possibilidades de interações nas pedagogias culturais do tempo presente. Curitiba: CRV, 2020.

Apêndice A – Questionário online: A Experiência no Museu Anchieta

Questionário online completo com os participantes disponível no link:

https://docs.google.com/spreadsheets/d/1IYXGA49bXNYFwYnLy1npdTBJ_BKcPmDgNmrKtHZaAnA/edit?usp=sharing.